



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **EXPERIÊNCIA INTERIOR: CORPO, EROTISMO E MORTE**

Wilka Sales de Barros<sup>1</sup>  
PPGARTES/UFPA  
Viviane Rocha<sup>2</sup>/UFMA  
Val Sampaio<sup>3</sup> / UFPA

### **Introdução:**

O trabalho **“Experiência Interior: corpo, erotismo e morte”** apresenta questões sobre finitude e fragilidade humanas, estabelecendo diálogos e cruzamentos entre as temáticas do corpo do erotismo e da morte, apresentadas na ótica de imagens arquetípicas e simbólicas. Trata-se de **pesquisa em arte**, que trabalha com a linguagem da performance fotográfica e vídeo performance – extensões da arte da performance onde o artista é sujeito e objeto da sua obra.

Os primeiros processos desta pesquisa foram criados em 2013 no Cemitério do Gavião em São Luís- MA e os chamei de **“Ex-Vivos”**. Demostro vários aspectos nas conexões que estabeleço entre erotismo, morte, sagrado e cultura popular, temas e motivos recorrentes nas produções artísticas contemporâneas. A complexidade simbólica das poéticas sugere diversificadas interpretações: apresento o meu o corpo presente no lugar de corpos “ausentes” provocando um deslocamento que causa estranheza, mas nos faz refletir sobre a vida efêmera e finitude humana, transformando o contexto em um palco existencial onde o erotismo é apresentado como detonador da transgressão do espaço sagrado. Ao inserir os Ex-votos, aquelas imagens que se oferece e se expõe em igrejas como agradecimento pelo cumprimento de promessa e que são imagens de partes do corpo afetadas por doenças das quais as pessoas foram curadas ligados à devoção popular, ofereço o meu corpo inteiro ou fragmentado a fim de celebrar a graça recebida de estar viva. Estes processos culminaram nas poéticas - **Experiência Interior: corpo, erotismo e morte (2017)**.

Nos trabalhos, o meu corpo está submetido em uma espécie de autonomia, ocupando espaços e adquirindo, no decorrer das ações, uma iluminação da vida cotidiana, seja em simples técnicas corporais ou no confronto alegórico entre erotismo e morte, um antigo topos literário e artístico reelaborado e amplamente difundido durante o Renascimento que tomo como referencia neste trabalho,

---

<sup>1</sup> Wilka Sales

Artista visual, arte/educadora, pesquisadora. Tem experiência na pesquisa em poéticas visuais, com ênfase em performance artística e seus desdobramentos. Mestranda em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA).

<sup>2</sup> Dr<sup>a</sup> Viviane Rocha

Doutora em Artes Visuais: Historia Teoria e Crítica / UFRGS  
Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais / UFMA

<sup>3</sup> Val Sampaio

Artista visual, pesquisadora, produtora e curadora independente. Tem experiência na área de produção, pesquisa em poéticas e crítica em Artes, com ênfase em arte contemporânea, design e novas mídias. Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e PósDoutorado em Poéticas Digitais (ECA/USP). Professora e pesquisadora do PPGARTES/UFPA.



sobretudo *vanitas*<sup>4</sup> renascentista, imagens nas quais a morte e o erotismo tencionam-se em um equilíbrio instável. Outra colocação importante a se fazer, é que no ato da criação em performance fotográfica e vídeo performance, o público é virtual, a câmera faz este papel, ela antecipa a ação, o artista performer é real, depois acontece o inverso, o público passa a ser real e a obra “virtual”. Fiz um recorte de duas, das quatorze obras que são relevantes na compreensão do todo desta pesquisa em arte.

Em 2016 fui acampar na Ilha do Livramento que se localiza na cidade de Alcântara, município da Região Metropolitana de São Luís. Algo ali sempre me excitou - uma cidade fantasmagórica com ruínas e casarões do século XIX e uma paisagem deslumbrante. Nesta ilha criei a obra **“Reflexo Nu”** uma vídeo performance que tem como referência o mito sobre o nascimento de Vênus, a irmã do tempo que emergiu das profundezas das águas do mar, que ora se mistura, ora se perde das diversas representações de vênus já exploradas na história da arte. A escolha da praia como cenário pretende contrapor o caráter vulnerável do corpo frente às forças do mar e dos afetos tempestuosos. No final, corpo e praia se misturam. Somos varridos com a mesma força e transformados com a mesma veemência com as quais as marés modificam o terreno.

Para Mário Perniola o erotismo se manifesta nas artes figurativas como relação entre a veste e o nu, e é essa a condição que possibilita um movimento, um trânsito de um para outro. O mais agudo intérprete contemporâneo da erótica do despir foi Georges Bataille, que une de modo inseparável o desejo erótico com a pulsão para despir-se, para transgredir o tabu da nudez. A nudez é a negação do ser fechado em si, a nudez é um estado de comunicação, Bataille atribui ao desnudamento um grande valor espiritual. Mas ela também pode ser tida como uma situação negativa, como privação. Perto da erótica do despir, existe a erótica do revestir existente na cultura cristã, o erotismo do revestir considera o corpo como uma veste, onde há um charme assim como a primeira. Na erótica do revestir, o erotismo não pode ser desvinculado da experiência da encarnação. E o que importa aqui, não é o corpo está nu, interessa o trânsito erótico, o charme de despi-lo, encontrar o corpo, carne-matéria.(PERNIOLA, 2000)

A metafísica da veste e do nu concordam em atribuir a visibilidade, pois implica um ver-não-ver, uma imagem-não-imagem, e é preciso dizer que a veste é o que confere ao homem a sua identidade antropológica, social, religiosa do seu ser. A intimidade é o último véu entre nós e os outros. O véu que serve para ocultar as coisas, fazendo-as desaparecer, não passa às vezes de um alibi para colocá-las em evidência.

---

<sup>4</sup> O Gênero iconográfico Vanitas da expressão Vanitasvanitatumomniavanitas: “ vaidade das vaidades, tudo é vaidade”, que lê-se no Eclesiaste, deu origem ao gênero iconográfico renascentista Vanitas, caracterizado justamente por contrastar a vida e a morte de modo a evidenciar a fragilidade da primeira. Com frequência, vanitas é uma natureza-morta que reúne, por exemplo, frutas, flores, borboletas, livros ou objetos científicos e símbolos da transitoriedade da vida, como a vela, a bolha de sabão e a própria caveira, lembretes da inevitabilidade da morte; frutas apodrecidas, que simbolizam a decadência trazida pelo envelhecimento, fumaça, relógios e ampulhetas, que simbolizam a brevidade e a natureza efêmera da vida.



(MORAES, 2002,p.64)

Os trabalhos desenvolvidos nesta pesquisa, quatro deles fazem referência ao gênero iconográfico *Vanitas*, mas destaco uma apenas: “*Vanitas I*” - uma criatura nua, coberta por uma leve túnica. O seio à mostra está ligado simbolicamente à fonte que dá vida, e a caveira, a perda da vida, representam a vida eterna – o branco pálido da caveira e sua palidez é a morte. A sexualidade e a morte para Bataille levam o desnudamento a uma consequência extrema: o ser exposto que significa perder-se em um abismo que despedaça a redondeza enganosa dos corpos, uma e outra têm sentimento de desperdício ilimitado que a natureza executa contra o desejo de durar que é próprio de cada ser. (BATAILLE, 1987) A morte, seja ela natural ou psicológica, ultrapassa uma barreira, encerra-se um ciclo, pois é preciso transpor.

Um dos objetivos desta pesquisa é identificar diálogos e cruzamentos entre corpo, erotismo e morte nas minhas performances fotográficas, compreendendo a linguagem da performance e seus desdobramentos em performances-fotográficas. Colaborando para o desenvolvimento da inter-relação entre diferentes linguagens, conhecimentos e materiais. Contribuindo para a minha formação profissional, cuja consequência será uma maior qualidade na produção artística fundamentada na pesquisa, conforme exige o sistema de arte contemporânea, de modo que o mesmo possa contribuir pra fruição e reflexão artística.

## **Metodologia**

O movimento do ato teórico da pesquisa em arte reflete o movimento do ato criador. A escrita do ato teórico reflete o ato criador. Nesse caso, teorizar a prática do ato criador é fundamental para concepção da estratégia de um ser-estar-artista-pesquisador. Teorizar sobre o ato de criar, configura-se como uma estratégia de sobrevivência e de atuação na arte. (SAMPAIO, 2016, 2028)

A poética, nesse sentido, demonstra ser um horizonte metodológico, adequando às ideias deste trabalho, sejam as temáticas, os materiais usados, a inter-relação de áreas do conhecimento e a construção de diálogos e cruzamentos com as temáticas escolhidas, que são recorrentes na arte contemporânea.

Os referenciais teóricos principais deste trabalho são autores que se ocupam das temáticas do corpo, do erotismo e da morte, tais como, David Le Breton, George Bataille e Philippe Ariès. Já os referenciais artísticos, são as artistas que trabalham com a linguagem da performance e seus desdobramentos, como a norte-americana Cindy Sherman e a artista paraense Berna Reale.

## **Resultados e discussão**

A pesquisa em arte delimita o campo do artista-pesquisador, trata-se sobre o processo de criação que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

seu trabalho plástico assim como a partir das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela prática.

Pude estabelecer diálogos e cruzamentos entre corpo, erotismo e morte na linguagem das performances fotográficas contemporâneas que são extensões da arte da performance, onde o corpo torna-se suporte e canal de comunicação – questionador de valores éticos, sociais e que sofre intensas transformações.

Neste sentido, as imagens foram criadas demonstrando toda a simbologia de imagens arquetípicas, construindo simbolismos com os conceitos, utilizando vários referenciais artísticos para o processo de produção e criação, algo que foi alcançado positivamente.

## **Conclusões**

As ações do corpo nas performances-fotográficas são extensões da Arte da Performance, onde o artista é objeto de sua obra, ele apresenta e não representa, seu corpo passa a ser explorado como suporte e canal de comunicação.

Muitas obras atuais apresentam diversas apropriações de elementos do cotidiano ou de fragmentos de outras obras, apresento, portanto, *revivals*, releituras e recursos diversos ao passado, como auto referências. (CATTANI, 2007)

Considerando a linguagem que permeia este trabalho, pude perceber que os resultados foram favoráveis, apesar das dificuldades em relação à pesquisa, pois há um fio tênue quando se faz poéticas visuais resulta-se aqui, a dificuldade metodológica, o nível de tensão e incerteza que permeiam a criação e construção artística contemporânea.

**Palavras-Chave:** corpo, erotismo, morte, performance artística, poéticas visuais.

## **Referências Bibliográficas**

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana Siqueira – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

\_\_\_\_\_. **A experiência interior**. Tradução Celso Libanio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

CATTAN, Iclea. Arte contemporânea: **o lugar da pesquisa**. IN: O meio como zero:



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

metodologia da pesquisa em artes plásticas. Blanca Brites. Elida Tessler (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Tradução Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e Sociedade. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. A decomposição da figura humana: de Lautrèmont a Bataille. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

PERNIOLA, Mario. **Pensando o ritual: sexualidade, morte, mundo**. Tradução Maria Rosário Toschi; (colaboração Mariarosaria Fabris). São Paulo: Studio Nobel, 2000.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

#### DICIONÁRIO

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) Tradução Vera da Costa e Silva... (et al.) 10. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.